



IMAGENS DE CONTROLE: UM CONCEITO DE PATRICIA HILL COLLINS PARA PENSAR AS REPRESENTAÇÕES DOS NEGROS AFRICANOS EM LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA

Ana Flávia Borges de Oliveira¹

Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, Minas Gerais, MG, Brasil.

Adriany de Ávila Melo Sampaio²

Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, Minas Gerais, MG, Brasil.

Resumo: Este artigo constitui-se como parte da pesquisa de Mestrado e tem como objetivo introduzir o pensamento da socióloga Patrícia Hills Collins para compreender como foram representados os negros africanos em uma coleção de Livros Didáticos de Geografia do Ensino Fundamental II (PNLD 2014 e 2020). As Imagens de Controle (COLLINS, 2019) são criadas e impostas pelos grupos dominantes para organizar e vigiar a sociedade como um todo, mantendo um determinado grupo em situação de subordinação e inferioridade. Considerando que a África e os negros africanos foram e ainda são invisibilizados, observa-se que ainda carregam estigmas de um período desumano que destruiu histórias e culturas, no qual o racismo é naturalizado, assim como o sexismo, as desigualdades de classe, entre outras formas de opressão e injustiça social. Os resultados após a análise comparativa da coleção, mostram que as imagens de controle solidificam matrizes de dominação representando, na maioria das imagens, os negros africanos em posições inferiores de menor prestígio e em condições subalternas; e o continente África é retratado como primitivo, selvagem e pobre.

¹ Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Bolsista pesquisadora da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG. Integrante do GPEGPSHI - Grupo de Pesquisa em Ensino de Geografia na Perspectiva do Ser Humano Integral, com base no Laboratório de Geografia e Educação Popular - LAGEPOP/IGESC/UFU. E-mail: anaflaviaborges97@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2036-0487>

² Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Professora Titular do Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Uberlândia (IGESC/UFU). Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Ensino de Geografia na Perspectiva do Ser Humano Integral-GPEGPSHI, e Grupo de Pesquisa Espaços de Educação e Espiritualidade - GPEEE, com base no Laboratório de Geografia e Educação Popular – LAGEPOP. E-mail: adrianyavila2@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4428-8395>



Palavras-Chave: Estereótipos; Racismo; Representações Sociais.

CONTROLLING IMAGES: A CONCEPT BY PATRICIA HILL COLLINS TO THINK ABOUT REPRESENTATIONS OF BLACK AFRICAN AND AFRICA IN GEOGRAPHY TEXTBOOKS

Abstract: This article is part of my Master's research and aims to introduce the thinking of sociologist Patricia Hills Collins in order to understand how Africa and black Africans have been represented in a collection of Elementary School Geography Textbooks (PNLD 2014 and 2020). Controlling Images (COLLINS, 2019) are created and imposed by dominant groups to organize and monitor society as a whole, keeping a certain group in a situation of subordination and inferiority. Considering that Africa and black Africans were and still are invisibilized, it can be seen that they still carry stigmas from an inhuman period that destroyed histories and cultures, in which racism is naturalized, as well as sexism, class inequalities, among other forms of oppression and social injustice. The results of the comparative analysis of the collection show that the images of control solidify matrices of domination by representing, in most of the images, black Africans in inferior positions of less prestige and in subordinate conditions; and the continent of Africa is portrayed as primitive, savage and poor.

Keywords: Stereotypes; Racism; Social Representations.

IMÁGENES DE CONTROL: UN CONCEPTO DE PATRICIA HILL COLLINS PARA PENSAR LAS REPRESENTACIONES DE LOS NEGROS AFRICANOS Y DE ÁFRICA EN LOS LIBROS DE TEXTO DE GEOGRAFÍA

Resumen: Este artículo forma parte de mi investigación de máster y tiene como objetivo introducir el pensamiento de la socióloga Patricia Hills Collins para comprender cómo África y los africanos negros han sido representados en una colección de libros de texto de Geografía de Educación Primaria (PNLD 2014 y 2020). Las imágenes de control (COLLINS, 2019) son creadas e impuestas por los grupos dominantes para organizar y controlar el conjunto de la sociedad, manteniendo a un determinado grupo en situación de subordinación e inferioridad. Considerando que África y los negros africanos fueron y aún son invisibilizados, se observa que aún cargan estigmas de un período inhumano que destruyó historias y culturas, en las cuales el racismo está naturalizado, así como el sexismo, las desigualdades de clase, entre otras formas de opresión e injusticia social. Los resultados del análisis comparativo de la colección



muestran que las imágenes de control solidifican matrices de dominación, con la mayoría de las imágenes representando a los negros africanos en posiciones inferiores de menor prestigio y en condiciones de subordinación; y el continente africano es retratado como primitivo, salvaje y pobre.

Palabras-clave: Estereotipos; Racismo; Representaciones Sociales.

IMAGES DE CONTRÔLE: UN CONCEPT DE HILL COLLINS POUR PENSER LES REPRÉSENTATIONS DES AFRICAINS NOIRS ET DE L'AFRIQUE DANS LES MANUELS DE GÉOGRAPHIE

Résumé: Cet article s'inscrit dans le cadre de ma recherche de Master et vise à présenter la pensée de la sociologue Patricia Hill Collins afin de comprendre comment l'Afrique et les Africains noirs ont été représentés dans une collection de manuels de géographie de l'école élémentaire (PNLD 2014 et 2020). Les images de contrôle (COLLINS, 2019) sont créées et imposées par les groupes dominants pour organiser et contrôler la société dans son ensemble, en maintenant un certain groupe dans une situation de subordination et d'infériorité. Si l'on considère que l'Afrique et les Africains noirs ont été et sont encore invisibiliser, on constate qu'ils portent encore les stigmates d'une période inhumaine qui a détruit des histoires et des cultures, dans laquelle le racisme est naturalisé, tout comme le sexisme, les inégalités de classe, parmi d'autres formes d'oppression et d'injustice sociale. Les résultats de l'analyse comparative de la collection montrent que les images de contrôle consolident les matrices de domination, la majorité des images représentant les Africains noirs dans des positions inférieures, moins prestigieuses et dans des conditions subalternes; le continent africain est dépeint comme primitif, sauvage et pauvre.

Mots-clés: Stéréotypes; Racisme; Représentations Sociales.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a população negra e o continente africano carregam um repertório de imagens estereotipadas que apresentam sempre uma África selvagem, em que a população negra vive de forma rústica e miserável. Isso



ainda acontece devido ao racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), pois é caracterizado por construir relações de normalidade dentro da sociedade.

Conforme ressalta Ferreira e Camargo (2014, p. 198), “as imagens dos negros são estereotipadas e o livro não traz reflexões sobre raça e etnia, o que mantém o racismo velado nas salas de aula”. As imagens dos negros africanos e da África presentes nos Livros Didáticos e o racismo retratado nelas colocam à prova o problema racial que ainda existe no Brasil. Embora a população negra seja maioria no país (56%), segundo dados do IBGE, ainda são omitidas e silenciadas de sua verdadeira história ou são representadas de maneira racista e retratadas com inferioridade em relação aos outros grupos étnicos.

Segundo Collins (2019), os processos de inferiorização estão interligados com as táticas manipuladas pelos grupos dominantes para manter os grupos minoritários excluídos de espaços de poder e da cidadania. Uma das formas do grupo dominante comandar e reprimir a sociedade racista foi criando mecanismos de segregação e exploração, entre eles estão o que Collins (2019) chamou de “imagens de controle”, que tem o poder de controlar o comportamento e silenciar de forma violenta os grupos historicamente oprimidos.

As *Imagens de Controle* é um conceito criado por Collins (2019) para denunciar e questionar os padrões sociais aplicados às mulheres negras. A metodologia utilizada pela autora incluiu o pensamento de mulheres negras nos estudos feministas, com o objetivo de dar voz e ao mesmo tempo demonstrar as diversas vozes de mulheres negras que foram silenciadas historicamente. As imagens de controle são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, as discriminações e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na sociedade.



É importante ressaltar que a mídia em geral reproduz as ideologias necessárias para a manutenção das estruturas de segregação racial e as *imagens de controle* contém ideologias racistas na perpetuação de novas formas de racismo.

Segundo Bueno (2019, p. 18), o conceito de interseccionalidade está ligado ao conceito de *imagens de controle*, pois a partir da interseccionalidade, as imagens de controle podem ser utilizadas para discutir as representações femininas negras, portanto é um conceito que perpassam sobre todos os grupos sociais, mas são principalmente nocivos à população negra, visto que este grupo social está exposto a diversas opressões.

O objetivo do artigo é introduzir o pensamento da socióloga Patrícia Hills Collins para compreender como foram representados a África e os negros africanos em uma coleção de Livros Didáticos de Geografia do Ensino Fundamental II (PNLD 2014 e 2020) e se as imagens ainda reforçam os estereótipos racistas.

Este artigo está estruturado da seguinte estrutura: primeiramente tem-se a aproximação do conceito de *Imagens de Controle* com o conceito de interseccionalidade, dentro do Pensamento Feminista Negro como justiça social. Na segunda parte apresenta o conceito de Imagens de Controle que buscam regular o comportamento das mulheres negras, além de como a sociedade as veem, e por fim, a análise de algumas representações dos negros africanos presentes em Livros Didáticos de Geografia, de uma coleção aprovada nos PNLD 2014 e 2020, a partir dos conceitos de Imagens de Controle, discutidos por Collins (2019).



IMAGENS DE CONTROLE: UMA FERRAMENTA DE LUTA E RESISTÊNCIA

O intuito do Pensamento Feminista Negro está relacionado com a modificação das estruturas sociais, através da extinção de opressões impostas às mulheres negras, que por sua vez, ocupam a base da pirâmide social no sistema racista e colonial. Com o desenvolvimento do empoderamento das mulheres negras, levando em consideração o que Collins (2019) designa de *Pensamento Feminista Negro* como justiça social, mostrando a produção intelectual, o conhecimento e a política de mulheres negras. O conceito de justiça social se refere à construção moral e política baseada na igualdade de direitos e na solidariedade coletiva, sendo que devem ser garantidos à toda sociedade.

O pensamento feminista negro, a teoria social crítica das estadunidenses negras, reflete relações de poder semelhantes. Para as afro-americanas, a teoria social crítica abrange conjuntos de conhecimentos e práticas institucionais que tratam ativamente das principais questões enfrentadas pelas estadunidenses negras como coletividade. Tal pensamento é necessário porque as afro-americanas como grupo permanecem oprimidas em um contexto nacional caracterizado pela injustiça. Isso não significa que todas as afro-americanas desse grupo sejam oprimidas da mesma maneira nem que umas não oprimem as outras. A identidade do pensamento feminista negro como teoria social “crítica” reside em seu compromisso com a justiça, tanto para as estadunidenses negras como coletividade quanto para outros grupos oprimidos. (COLLINS, 2019, p. 43)

O *Pensamento Feminista Negro*, os saberes e os esforços de mulheres negras na constituição da Teoria Social Crítica refletem as experiências vividas em meio as opressões interseccionais de raça, classe, gênero, etnia, sexualidade, religião e nação. Este pensamento colabora com a luta contra essas opressões, além de não surgirem da imaginação social e sim da realidade na qual são subordinadas, auxiliando a sobreviver e a resistir ao



tratamento que lhe são dadas. A Teoria Social Crítica manifesta como única perspectiva de se compreender as mulheres como um grupo historicamente oprimido, dominado e que ainda luta para sobreviver às condições desfavoráveis dentro da sociedade.

Ao longo da história, a Teoria Social Crítica que Collins (2019) destaca é estimulada por dois fatores: a proteção dos direitos humanos e da classe trabalhadora. A autora apresenta como exemplos desses dois fatores, opressões que são vivenciadas por mulheres e homens negros, como a “segregação racial da moradia urbana”, pois viviam em bairros, escolas, igrejas e comunidades predominantemente negros e segregados racialmente. Esses grupos usam saberes baseados na ancestralidade de matriz africana para resistir às opressões e injustiças a que são *sujeitos*. Uma outra opressão a que são submetidas as mulheres negras, refere-se à “exploração do trabalho baseada na agricultura e no trabalho doméstico” que permitiu criar meios de suportar e desmistificar o racismo na prática. Dentro das casas das famílias brancas, as trabalhadoras domésticas criavam relações afetivas com os filhos das patroas, porém sabiam que jamais fariam parte daquela família.

O movimento feminista negro consiste em um cenário importante para a sociedade, dando respostas às opressões sofridas por muitas mulheres de grupos oprimidos, buscando entender as diversas formas de injustiças, pois não se viam representadas em movimentos feministas que desejavam a ascensão feminista branca. Dentro desses movimentos, a integração das mulheres seria um passo importante para que seja possível eliminar barreiras existentes na sociedade. Sobre o Pensamento Feminista Negro, Bueno (2019, p. 25) aponta:

Embora sua visibilidade tenha aumentado nas últimas décadas, o feminismo negro não se constitui de forma responsiva ao feminismo branco e tampouco de um mero desdobramento dele. Feministas



negras existem desde os primórdios do feminismo, o que nem sempre houve foi o reconhecimento destas enquanto feministas, devido ao racismo.

A pesquisadora ativista antirracista brasileira, Winnie Bueno (2019), pesquisou em sua dissertação o pensamento de Collins (2019) com enfoque no conceito de *Imagens de Controle*. Bueno (2019, p. 70) ressalta que “a matriz de dominação é um conceito sociológico relacionado aos níveis de poder, controle e opressão entre os diferentes grupos da sociedade. Na obra, Collins (2019) mostra como raça, classe, gênero e sexualidade se constituem em sistemas de opressões que se sustentam assim como, a interseccionalidade tem relação direta com as *Imagens de Controle* e estão associadas com a matriz de dominação.

O conceito de interseccionalidade, nos primeiros anos do século XXI, passou a ser amplamente apropriado por acadêmicos, militantes, profissionais e ativistas. No entanto, o conceito foi sistematizado em 1989, por Kimberlé Williams Crenshaw, ao perceber que em certas situações, haveria uma ligação entre diferentes identidades sociais, e quando isso ocorria, a discriminação assume características singulares. Crenshaw (2002, p. 177), conceitua interseccionalidade como:

uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

Neste sentido, é importante entender que o conceito de interseccionalidade é uma perspectiva da Teoria Social Crítica do Pensamento



Feminista Negro. Através dessa categoria pode se explicar os eixos de poder e exploração relacionados à raça, etnia, gênero e classe, o que permite o aprofundamento reflexivo das opressões de sexualidade, identidade de gênero, geração, entre outras, pois os sistemas de dominação, se estruturam nos espaços sociais, econômicos e políticos, se articulam e podem ser inseparáveis, sendo um referencial importante para decifrar realidades das mulheres negras e suas experiências.

Collins (2019) utiliza os conceitos de interseccionalidade e matriz de dominação para observar como a opressão afeta as mulheres negras. A autora os difere como:

A ideia de interseccionalidade se refere a formas particulares de opressão interseccional, por exemplo, intersecções entre raça e gênero, ou entre sexualidade e nação. Os paradigmas interseccionais nos lembram que a opressão não é redutível a um tipo fundamental, e que as formas de opressão agem conjuntamente na produção da injustiça. Em contrapartida, a ideia de matriz de dominação se refere ao modo como essas opressões interseccionais são de fato organizadas. Independentemente das intersecções específicas em questão, domínios de poder estruturais, disciplinares, hegemônicos e interpessoais reaparecem em formas bastante diferentes de opressão. (COLLINS, 2019, p. 57).

Segundo Collins (2019), a interseccionalidade refere-se ao entrecruzamento de eixos de opressões, principalmente de gênero, classe e raça que vão além de sexualidade, religião, idade e etnia, entre outras, as quais resultam em maior discriminação e desigualdades sociais nas vidas das minorias. O conceito de matriz de dominação constitui-se em organizações sociais de poder e controle historicamente na qual grupos dominantes estão inseridos e onde se originam e desenvolvem as opressões interseccionais.

Perante as desigualdades históricas associadas à luta de raça, classes e gênero, no Brasil, semelhantes as ideias de Collins (2019) sobre mulheres negras estadunidenses, Carla Akotirene (2019, p. 14), apresenta a



interseccionalidade como sendo uma “sensibilidade analítica pensada por feministas negras”. Estas questões compreendem matrizes do *Pensamento Feminista Negro* e epistemologias que dialogam com as opressões contra as mulheres negras brasileiras.

A interseccionalidade nos permite partir da avenida estruturada pelo racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, em seus múltiplos trânsitos, para revelar quais são as pessoas realmente acidentadas pela matriz de opressões. A interseccionalidade dispensa individualmente quaisquer reivindicações identitárias ausentes da coletivamente constituída, por melhores que sejam as intenções de quem deseja se filiar à marca fenotípica da negritude, neste caso as estruturas não atravessam tais identidades fora da categoria de Outros. (AKOTIRENE, 2019, p. 29)

A interseccionalidade perpassa os grupos oprimidos que sofrem discriminações cotidianamente impostas por opressões estruturantes da matriz de dominação, além de serem considerados inferiores em uma sociedade patriarcal, racista e machista. A interseccionalidade é importante para entender como começa o racismo e determina as discriminações, assim como as opressões são ressignificadas.

A interseccionalidade pensa na identidade e na relação de poder que a matriz de dominação possui sobre as opressões, e quando a sociedade luta contra o racismo, é importante também lutar em conjunto com outras formas de violência, como machismo e capitalismo.

Segundo Collins (2019), os estereótipos são representações que buscam normatizar determinados grupos às poucas características que lhe são impostas e influenciam negativamente a autopercepção do outro com a necessidade de promover e justificar as opressões. Quando pensados a partir de uma lógica de opressão, eles deixam de ser apenas representações para serem considerados Imagens de Controle, como por exemplo: histórias, mitos,



entre outros, que naturalizam opressões intercruzadas, como o racismo e o sexismo.

Os estereótipos, presentes nas *Imagens de Controle*, são representações com características negativas e simplificadas com a intenção de inferiorizar e desumanizar um sujeito ou grupo e sempre são articulados para sustentar o racismo, o sexismo, entre outras opressões.

Os estereótipos são resultados das *Imagens de Controle* para ditar como algumas opressões devem acontecer, seja de maneira inconsciente ou não, ou também de modo provisório ou contínuo. O estereótipo apresenta características simplificadas, sobre uma pessoa ou grupo, que podem ser facilmente reconhecidas e compreendidas por outros sujeitos ou grupos. Além de reduzir as pessoas em características limitadas, a estratégia do estereótipo é exagerá-las e desqualificá-las.

Neste sentido, de acordo com Collins (2019), os estereótipos, presentes nas *Imagens de Controle*, referem-se às ideias erradas sobre determinados grupos, como por exemplo, aquelas aplicadas às mulheres negras, que naturalizam situações de opressões, e que as obrigam a “tolerar” que outras pessoas as tratem de determinado jeito. Essas imagens não são destinadas somente às mulheres, elas se aplicam em todos os grupos sociais, que acreditam e agem de acordo com elas. São usadas para dar sentido à realidade, o que por sua vez permite o controle por parte de quem possui o poder de construir as *Imagens de Controle*.

Podem ocorrer dois movimentos, um externo, no qual a sociedade enxerga um grupo por meio dessas Imagens de Controle; e outro interno, no qual o grupo desqualificado passa a acreditar no significado depreciativo que essas imagens falam sobre si, e por isso, se sentem diminuídos e inferiores a outras pessoas.



O CONCEITO DE *IMAGENS DE CONTROLE* A PARTIR DA RESISTÊNCIA E DA REPRESENTATIVIDADE

As *Imagens de Controle* existem desde antes do período de escravização, sendo utilizadas para controle social, e sempre atualizadas ao contexto histórico e aos objetivos dos grupos dominantes. Especialmente no período do tráfico de mulheres e homens negros da África houve a criação de imagens com significados desumanizantes para justificar o sequestro, a violência, o trabalho forçado e toda forma de abuso que foi realizada. Pós-abolição da escravização houve uma mudança sutil nas imagens ideológicas do sistema de opressão, pois não houve a supressão do racismo, pelo contrário, ele continua presente e recorrentemente fortalecido por imagens atualizadas ao contexto atual.

Ao representar as mulheres negras com estereótipos que as desumanizam, os grupos da classe dominante branca justificam ideologicamente e perpetuam as violências que impuseram sobre elas por séculos, disseminando narrativas errôneas e racistas que fazem com que suas histórias e lutas fossem silenciadas e apagadas historicamente, cabendo ao Pensamento Feminista Negro fazer a denúncia, combater e provocar as *Imagens de Controle* de maneira crítica de forma a ressignificá-las.

Como parte de uma ideologia generalizada de dominação, as imagens estereotipadas da condição da mulher negra assumem um significado especial. Dado que a autoridade para definir valores sociais é um importante instrumento de poder, grupos de elite no exercício do poder manipulam ideias sobre a condição de mulher negra. Para tal, exploram símbolos já existentes, ou criam novos. Hazel Carby sugere que o objetivo dos estereótipos não é 'refletir ou representar uma realidade, mas funcionar como um disfarce ou mistificação de relações sociais objetivas. Essas imagens de controle são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social



pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana. (COLLINS, 2019, p. 135-136).

As *Imagens de Controle* consistem em uma estrutura ideológica relacionada às matrizes de dominação, em geral utilizadas para desqualificar e dominar outros grupos humanos, sendo que sua influência permanece no imaginário social por longos períodos. Entre outras questões, a ideologia dominante sempre encontra meios de revitalizar, e naturalizar, sua proposta de manipulação, trazendo sempre novas imagens com apelos que fazem sentido ao contexto histórico da época.

As *Imagens de Controle* são sempre relacionadas com a desumanização de um grupo subalterno, são imagens impostas, padronizadas e estabelecidas por um grupo dominante, referendadas pelo senso comum. Elas são usadas para generalizar e desqualificar um indivíduo ou grupo social, para isso são refeitas e constantemente atualizadas. Fazem parte de uma dimensão de ideologia de dominação e são traçadas para que o racismo, o sexismo e outras formas de violências aparentem ser naturais, normais e inevitáveis na vida das minorias, o que por sua vez, garante a manutenção do grupo dominante no poder e no privilégio.

Os diferentes lugares sociais que as mulheres ocupam na sociedade e as opressões interseccionais de raça e classe estão ligadas diretamente com o período escravocrata. Com imagens negativas que foram construídas a partir de mitos, que por sua vez, são instrumentos de controle e poder das mulheres negras, nas quais foram estigmatizadas e hierarquizadas do ponto de vista dos grupos dominantes. Enquanto os corpos de mulheres brancas são vinculados a fragilidade feminina, as associando ao ideal de família tradicional, consideradas como mulheres “de verdade” no sistema patriarcal, os corpos de mulheres negras eram vistos como exploração de trabalho, exóticos e sensuais prontos para serem violentados sexualmente, e considerados aptos para os



crimes. Essas Imagens de Controle continuam presentes no imaginário social, ressaltando as desigualdades raciais e de classe entre as mulheres.

As opressões interseccionais de racismo e sexismo se convergem nas *Imagens de Controle*, que por sua vez, se articulam e se sustentam ideologicamente dentro de um sistema de dominação, formado por grupos autoritários da cultura eurocêntrica, com o poder de caracterizar e manipular representações sobre as mulheres negras. As *Imagens de Controle* são dinâmicas e passam por transformações ao longo do tempo histórico, apresentando uma falsa ideia de que não são mais racistas.

Collins (2019) analisa, então, estudos sobre os estereótipos associados às mulheres negras resultando em cinco *Imagens de Controle*: a *Mammy*, a matriarca, a *Welfare mother* (mãe dependente do Estado), a *Black Lady* e a *Jezebel*. De acordo com Collins (2019), essas imagens são sempre danosas a esse grupo, mas acertam sobre todos os grupos sociais oprimidos.

A primeira *imagem de controle* descrita por Collins (2019) consiste na figura da *Mammy*. Constituída no período da escravização, refere-se ao estereótipo da trabalhadora doméstica ou babá negra escravizada ou liberta, como mão de obra barata, é considerada uma serviçal fiel e obediente às “famílias” brancas, a qual serve com amor e carinho, principalmente com as crianças da família, além de ser responsável por muitas tarefas domésticas. É a figura criada para

justificar a exploração econômica das escravas domésticas e mantidas para explicar o confinamento das mulheres negras ao serviço doméstico, [...] representa o padrão normativo usado para avaliar o comportamento das mulheres negras em geral (COLLINS, 2019, p. 140)

Na mídia, na maioria das vezes, é uma personagem sem nome e sem história, solitária, representada como uma mulher negra gorda, de pele retinta e com a ideia de mãe preta no contexto brasileiro.



[...] a imagem da *mammy* é a de uma mulher assexuada, uma mãe substituta de rosto negro, cuja devoção histórica a sua família branca dá lugar, hoje em dia, a novas expectativas. Espera-se que as *mammies* contemporâneas se comprometam totalmente com o trabalho. (COLLINS, 2019, p. 142-143)

A segunda imagem refere-se à *Matriarca*, segundo Collins (2019), essa imagem está atrelada a imagem da *Mammy*, representa o estereótipo da mulher negra forte, aquela que sempre dá conta de tudo. “Enquanto a *mammy* caracteriza a figura da mãe negra nas famílias brancas, a *matriarca* simboliza a figura materna nas famílias negras. A primeira representa a mãe negra boa, enquanto a segunda a mãe negra má” (COLLINS, 2019, p. 140).

A imagem da matriarca negra serve como um símbolo forte, tanto para as mulheres negras como para as brancas, do que pode dar errado se o poder patriarcal for desafiado. As mulheres agressivas e assertivas são punidas – abandonadas pelos parceiros, acabam na pobreza e são estigmatizadas como não femininas. A imagem da matriarca ou da mulher negra excessivamente forte também tem sido usada para influenciar o modo como os homens negros entendem a masculinidade negra. Muitos homens negros rejeitam as mulheres negras como cônjuges, sob o pretexto de que somos menos desejáveis que as brancas por sermos assertivas demais. (COLLINS, 2019, p. 148)

As mulheres negras são retratadas como forte demais e isso justifica a rejeição por parte dos homens negros, que as consideram poucas atrativas que as mulheres brancas, levando-as à solidão e a posições subalternas. Nesta narrativa, a mulher negra leva a culpa pelos problemas nas comunidades negras, pois elas são mães solteiras, mantenedoras da sua própria família, e ao trabalharem fora, não cuidavam dos seus filhos, que por sua vez, se tornaram problemáticos.

Esta *imagem de controle* considera as *Matriarcas* desprovidas de feminilidade, extremamente agressivas, violentas, e sem relações afetivas, pois provavelmente eram castradoras e exigiam a submissão dos seus maridos negros. “A matriarca representa uma *mammy* fracassada, um estigma negativo



aplicado às afro-americanas que ousassem rejeitar a imagem de serviçais submissas e diligentes” (COLLINS, 2019, p. 145)

A terceira *imagem de controle* é a *Welfare-mother* ou “mãe dependente do Estado”. De acordo com Collins (2019, p. 152), refere-se àquelas mulheres negras pobres da classe trabalhadora que fazem uso das assistências sociais providas pelo Estado, sendo possível perceber uma opressão de classe. “É retratada como uma pessoa acomodada, satisfeita com os auxílios concedidos pelo governo, que foge do trabalho e transmite valores negativos para os descendentes”. Com isso, são estereotipadas como preguiçosas, retratando a ideia de *Mammy* fracassada, além de representadas como uma mulher solteira, pois também são indesejadas pelos homens negros.

Criar a imagem de controle da mãe dependente do Estado e estigmatizá-la como causadora de sua própria pobreza e da pobreza das comunidades afro-americanas desloca o ângulo de visão das fontes estruturais da pobreza e culpa as vítimas. Essa imagem fornece, assim, uma justificativa ideológica para o interesse do grupo dominante em limitar a fecundidade das mães negras, consideradas produtoras de um excesso de crianças economicamente improdutivas. (COLLINS, 2019, p. 152)

A *imagem de controle Welfare-mother* ou “mãe dependente do Estado” serviu para compor a ideologia dominante que justificava a associação entre fecundidade das mulheres negras com as necessidades de política de violência, que também pode ser considerada como a versão recente da mulher procriadora que foi criada no decorrer da escravização. Collins (2019, p. 150) ressalta que a imagem da mulher procriadora “retratava as mulheres negras como as mais adequadas para ter filhos que as brancas”. Ao alegar que as mulheres negras eram capazes de ter filhos tão facilmente quanto os animais, (...) forneceu justificção para a interferência na vida reprodutiva das escravizadas”.



O Estado as culpabiliza por não terem ética no cuidado aos filhos, por serem irresponsáveis e acomodadas, por procriarem para se beneficiarem dos recursos do Estado e não precisarem trabalhar fora; como se esse valor fosse suficiente para a sobrevivência da família. Essa falsa imagem tem ligação direta com a discriminação que ocorre no Brasil com as “assistências sociais de distribuição de renda”, como por exemplo, o antigo Bolsa Família, substituído pelo Auxílio Brasil.

Operou no Brasil, especialmente durante o período de ascensão das políticas de redistribuição de renda operadas nos governos presidenciais de Lula, a manifestação de um estereótipo semelhante ao da *welfare queen*, que é a ideia de que mulheres beneficiárias dos programas sociais, sobretudo do Bolsa Família, seriam acomodadas, preguiçosas e reproduzia para aumentar o valor do benefício social recebido. É um estereótipo que possui uma dimensão de raça e classe, uma vez que as destinatárias do Programa Bolsa Família são mulheres de baixa renda que em sua massiva maioria são negras. (BUENO, 2019, p. 98)

Essa imagem foi atualizada, após a década de 1980, para uma imagem ainda mais infeliz: a da “rainha da assistência social” (COLLINS, 2019, p. 152). Segundo a autora, a mãe dependente do Estado não seguia a ética e moral das comunidades afro-americanas e a “rainha da assistência social” é considerada como uma “mulher negra da classe trabalhadora altamente materialista, dominadora e sem parceiro homem” (COLLINS, 2019, p. 153).

A quarta *imagem de controle* denominada por Collins (2019) de *Black Lady* ou “Dama Negra” (Figura 5), designa as mulheres negras de classe média que já concluíram os estudos, trabalharam muito e conquistaram muito além do que as outras pessoas do seu grupo social.

A princípio, não aparenta ser uma *imagem de controle*, pois simboliza uma imagem positiva, pois não está associada às características negativas das



Imagens de Controle anteriores, todavia, existe aqui uma falsa ideia de positividade.

Por um lado, parece ser mais uma versão da *mammy* moderna, ou seja, da profissional negra diligente, que trabalha duas vezes mais que os outros. Se assemelha a aspectos da tese do matriarcado – os empregos das damas negras são tão exigentes que elas não têm tempo para os homens e ser bem-sucedidas, elas se tornam menos femininas. As damas negras altamente instruídas são consideradas assertivas demais – é por isso que não conseguem homens para casar. (COLINS, 2019, p. 153-154)

As *Damas Negras* em relação com a *Mammy* se identificam no que refere à prioridade do emprego, quanto a outros campos sociais (como família, lazer, descanso, entre outros); com a Matriarca se conectam com as características de serem fortes demais e exigentes nos relacionamentos, o que por sua vez não é um fator atrativo para o homem negro. Apesar de conquistarem os espaços acadêmicos e profissionais, por ações afirmativas ou não, seu mérito ainda é questionado.

A quinta imagem consiste na figura da “Jezebel” ou “prostituta ou hoochie”, segundo Collins (2019, p. 35), se referindo ao estereótipo da mulher negra altamente sexualizada e vista como perversa, que se veste de maneira sexualmente provocante, e possivelmente capaz de usar seu poder de atração, por meio do seu corpo, para enganar, manipular e conseguir o que almeja. “O nome tem origem em uma personagem bíblica”.

Representam uma forma desviante de sua sexualidade, já que os esforços para exercer controle sobre elas estão na base de sua opressão. Vistas como sexualmente agressivas, seus comportamentos justificavam, supostamente, os ataques sexuais, o que remete à ideia de que os homens são ativos e as mulheres devem ser passivas (COLLINS, 2019, p. 155)



Segundo Pilar (2021, p. 54), “a imagem surgiu na escravidão e se referia a mulheres negras que era reduzida a sua sexualidade e consideradas agressivas nesse quesito, o que servia como justificativa para que elas sofressem assédios sexuais.” A imagem da Jezebel retrata uma objetificação a partir da animalização dos corpos e dos comportamentos de mulheres negras, sendo consideradas como promíscuas e predadoras sexuais, independentemente dos seus reais interesses.

As *Imagens de Controle* circulam com maior agilidade na sociedade devido às novas tecnologias, sendo disseminadas pelas mídias de forma geral, pelas agências governamentais e pelas instituições de ensino, “que acabam por reforçar as ideologias racistas a partir da massificação de representações” (BUENO, 2019, p. 71). Como por exemplo, a persistência de imagens sexualizadas de mulheres negras, principalmente em músicas, novelas e videoclipes que continuam sendo exibidas em toda a sociedade. Fica evidente que os órgãos legislativos as mantêm, pois estabelecem quais narrativas são validadas, quais são censuradas e quais vão prevalecer na sociedade.

As imagens de controle das mulheres negras não são apenas enxertadas nas instituições sociais existentes, e sim tão amplamente difundidas que, embora imagens mudem na imaginação popular, a caracterização das mulheres negras como o Outro persiste. Significados, estereótipos e mitos específicos podem mudar, mas a ideologia geral da dominação parece ser características duradoura das opressões interseccionais. (COLLINS, 2019, p. 166)

Um exemplo de como as *Imagens de Controle* desprezam as mulheres negras, são os padrões de beleza, em especial, a cor da pele, tipo de cabelo e fenótipos. Por mais que as mulheres oprimidas são objetificadas e se preocupam em valorizar sua aparência, elas não conseguem viver de acordo com os padrões de beleza presentes na sociedade, porém é nítido que uma



mulher de pele branca e o cabelo liso possuem privilégios em um sistema racista e que valoriza a branquitude.

As *Imagens de Controle* da *Mammy* e da *Jezebel* podem ser relacionadas às imagens presentes no contexto brasileiro: “a doméstica, a mulata e a mãe preta” (GONZALEZ, 1984).

Essas imagens conduzem o comportamento, a vida das mulheres negras “(a doméstica: ser submissa a família a qual ela trabalha), a forma como elas são vistas na sociedade (a mulata: corpo objetificado visto apenas como um caminho para o prazer)” (PILAR, 2021, p. 58), além de terem como base, os estereótipos que são resultados das opressões de raça e gênero.

Segundo Collins (2019), todas as *Imagens de Controle* possuem relação com a sexualidade feminina.

Se a *jezebel* e sua forma atualizada, a *hoochie*, dizem do apetite sexual das mulheres negras; a *mammy* aponta para uma mulher negra que não tem desejo sexual; a *matriarca* não é passiva e, portanto, se torna uma “castradora de homens”; a *rainha da assistência social* e a *dama negra* se completam, sendo a primeira sobre mulheres negras que não seguem a moral comum, e a segunda de mulheres negras que seriam exigentes demais. (PILAR, 2021, p. 55)

Pilar (2021) ressalta que todas as *Imagens de Controle* possuem relação com o comportamento das mulheres negras, evidenciando que todos os estes “tipos” de mulheres negras são ruins e indesejáveis, o que justifica as formas de opressão sofridas por esse grupo.

Outra questão posta para as mulheres negras e que coloca as imagens ligadas ao período da escravização e que também representam o interesse da classe dominante branca é o padrão de beleza que essas mulheres devem seguir. E que quando elas não seguem o modelo de “perfeição”, seja do cabelo ou do comportamento desejado, entre outros detalhes, ocorre a justificativa para a sua solidão e para a sua não empregabilidade. A referência europeia



sempre irá colocar a beleza das mulheres não brancas como inferior, perpetuando novas e antigas representações negativas na coletividade.

IMAGENS DE CONTROLE E REPRESENTAÇÕES DOS NEGROS AFRICANOS

As Representações Sociais, entre elas as *Imagens de Controle*, estão na base do Racismo Estrutural, contribuindo para a justificativa das desigualdades e das diversas opressões que atingem a população negra, e a própria África como um continente. O povo negro teve e ainda tem sua história, sua ancestralidade, sua cultura e contribuições no campo social, cultural, político e religioso silenciados e invisibilizados. No Brasil especialmente, existe o apagamento histórico da importância das contribuições dos povos africanos na formação social, econômica e cultural nacional. A luta hoje do Movimento Negro, entre outras questões, é por este reconhecimento, pois sempre resistiu às opressões do cotidiano e reivindicou direitos e condições iguais.

O racismo é resultado de um processo histórico, cujo parte documentada foi destruída, como se esse apagamento pudesse eliminar o sofrimento que o negro vivenciou por muitos anos, e ainda hoje, a escravização é contada pelo viés eurocêntrico, além de construir uma imagem estigmatizada e racista do “ser negro” na mídia em geral e nos Livros Didáticos. Sobre isso, Ribeiro (2018, p. 25) afirma que o “racismo é um sistema de opressão e de relações de poder que visa negar direitos a um grupo, que cria uma ideologia de opressão a ele”.

Como salienta Guimarães (2009, p. 11-12), o racismo “é uma forma bastante específica de ‘naturalizar’ a vida social, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais”, e que, portanto, “cada racismo só pode ser compreendido a partir de sua própria



história”. O racismo no Brasil é resultado do processo histórico da colonização europeia, e que foi ao longo dos séculos imposto de forma violenta sobre povos indígenas, africanos e afrodescendentes. O discurso do colonizador sempre tentou naturalizar as formas de discriminação e opressão que atingem a população negra diariamente, seja pelas falas preconceituosas, piadas, nos costumes, nas relações e na medida em que os negros têm oportunidades negadas, pois essas práticas estão enraizadas na sociedade a partir de uma herança histórica de tentativa de inferiorização dessa população.

Segundo Carneiro (2011, p. 70), “uma das características do racismo é a maneira que ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas, enquanto reserva para os racialmente hegemônicos o privilégio de ser representados em sua diversidade”. Isso significa que o negro ainda permanece com sua imagem associada à herança escravagista e o racismo se fundamenta nas representações sociais do Outro que valorizam o grupo dominante, em oposição ao grupo subalterno, que por sua vez amplia as diferenças e resulta em estereótipos capazes de estimular ou justificar atitudes discriminatórias e racistas.

Nesta parte do artigo, analisou-se algumas representações dos negros africanos em Livros Didáticos de Geografia, tendo como recorte temporal, uma coleção em que os livros foram publicados em 2012 e 2018, aprovados nos PNLD 2014 e 2020, respectivamente, a partir dos conceitos de *Imagens de Controle*, discutidos por Collins (2019). A fim de demonstrar as reflexões acerca das imagens de controle, será realizada a análise de três figuras.

A figura 1, é a pintura “Negros no fundo do porão, 1835” do pintor Johann Moritz Rugendas (1808-1858), presente nos livros do 7º ano (PNLD 2014 e 2020), trouxe uma imagem de negros africanos pacíficos e submissos, sem nenhum tipo de resistência, sendo que alguns foram imobilizados e

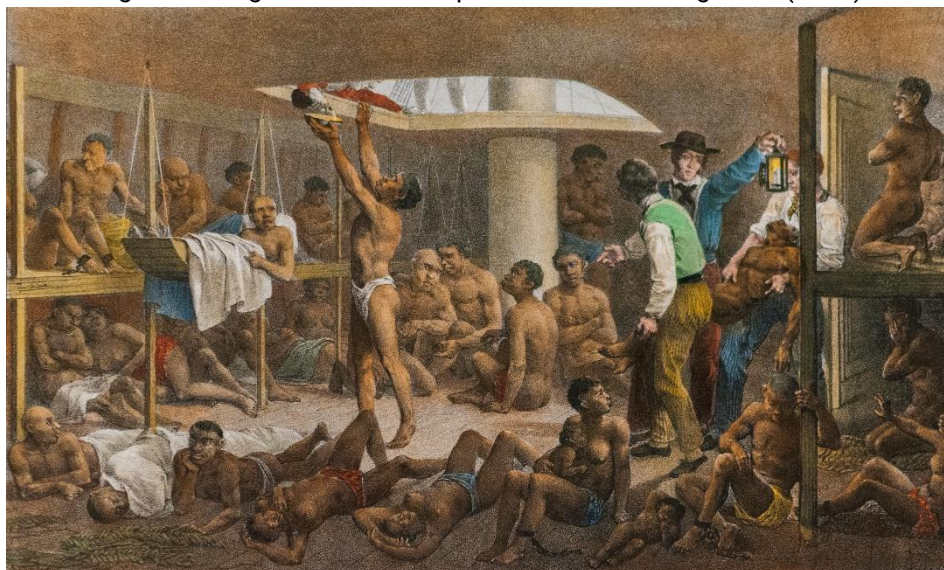


acorrentados. Quanto à vestimenta, observa-se que alguns estão cobertos com pedaços de pano e outros sem nada. Também há a presença de crianças, de um homem negro, provavelmente sem vida, sendo carregado pelos homens brancos bem vestidos e frios com a situação desumana. Essa pintura é recorrente nos Livros Didáticos de Geografia e de História.

A figura 1 mostra uma representação da *imagem de controle* da *Mammy*, com uma interpretação de papel de submissão, passividade e obediência que descaracteriza os negros africanos. Essa *imagem de controle* explica o lugar de subordinação dos negros africanos escravizados esperado pelos colonizadores, pois tinham que ter um comportamento aceitável para sobreviverem a este período de dor e sofrimento.

A *imagem de controle* da “Jezebel” também está presente na figura 1, representada pela mulher negra nua na figura da mulher hiperssexualizada e objetificada. Nesta *imagem de controle* objetificada, os corpos de mulheres negras são geralmente racializados, sexualizados e desumanizados e colocados na mídia em geral como um “produto” para venda/consumo. Isso mostra a influência na construção de um imaginário racista, sexista, machista, além de propagar estereótipos que as estigmatizam em papéis inferiores e sexuais.

Figura 1: “Negros no fundo do porão” em navios negreiros (1835)



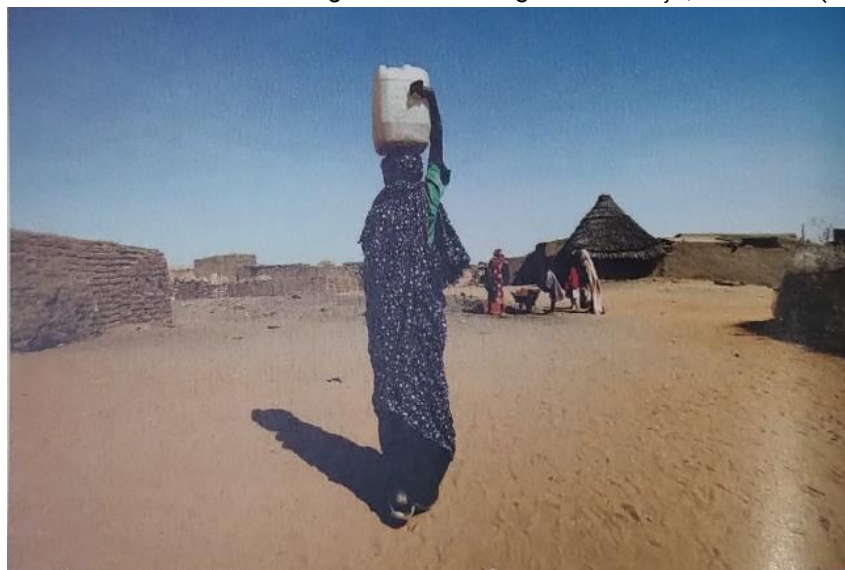
Fonte: “COLEÇÃO A”, 7º ano, PNLD 2014 E 2020

Segundo Oliveira e Sampaio (2024, p. 207), o uso contínuo da figura 1 ressalta que “os conteúdos ainda são iniciados pelo período da dominação imperialista e pelo olhar do colonizador, ressaltando a escravização e desvalorizando o legado cultural e histórico do continente africano”. A pintura enfatiza a romantização do “navio negreiro” como “algo natural”, sendo que na realidade os escravizados foram transportados empilhados e em situações desumanas, reforçando a posição subalterna e passiva do negro africano.

A figura 2 mostra uma representação da mulher negra africana com baldes na cabeça em busca de água, retratando a situação de locais impróprios para a moradia, de atraso e miséria.



Figura 2: Mulher africana carregando balde d'água na cabeça, no Sudão (2012)



Fonte: "COLEÇÃO A", 9º ano, PNLD 2014

A figura 2 retrata a ideia de conformismo pela situação em que são submetidas, reforçando a ideia de uma África pobre e atrasada, insistentemente com mulheres negras africanas em situação social de fome, escassez e mão-de-obra desqualificada. É possível relacionar a figura com a *imagem de controle* da *Mammy*, uma mulher submissa, sujeita a fazer trabalhos pesados para uma família branca que a emprega. Outra *imagem de controle* que a figura relaciona é a da *Matriarca*, uma mulher negra forte e resistente que está em busca da sobrevivência de sua família.



Figura 3: Professora ensinando computação em escola de Nairóbi, no Quênia (2016)



Fonte: "COLEÇÃO A", 6º ano, PNLD 2020

Na figura 3 é possível identificar que a professora e as crianças quenianas foram apresentadas em funções de prestígios na sociedade, usando trajes que os valorizam. A professora usa tranças, está com vestido e sapatos e as crianças estão usando uniformes escolares. Além de evidenciar a capacidade de uma mulher negra queniana de exercer um cargo importante e de gerenciar um espaço que por séculos foi negado para a população negra.

Representar os negros ocupantes de profissões mais baixas, de simples execução ou relacionadas ao dom, [...], remetem à ideia de normalidade, quanto à desigualdade socioeconômica da população negra (FERREIRA; CAMARGO, 2014, p. 189).

É possível perceber que os personagens na foto são retratados como capazes e inteligentes, ressaltando a desmitificação da falta de capacidade intelectual que foi atribuída aos negros africanos na época da escravização e eram presentes nos Livros Didáticos na década de 1990.



Todavia, como alerta Collins (2019), apesar da figura 3 representar aspectos positivos e sem estereótipos de uma mulher negra queniana em um cargo de professora de computação, ensinando para crianças quenianas em uma possível sala de aula, esta figura mostra também uma representação da *imagem de controle* da “Black Lady”, aquela mulher negra que conseguiu concluir seus estudos e conquistou uma profissão, mas sempre serão questionadas como conseguiram alcançar tal prestígio social na sociedade, evidenciando assim o olhar racista na escolha das imagens a serem colocadas nos Livros Didáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade é representada por imagens escolhidas pelos grupos dominantes para controlar “grupos minoritários”. As representações são compostas de estereótipos e ideologias que são referendadas pelo senso comum e orientam as ações coletivas e individuais relacionadas a discriminação, racismo e outros tipos de preconceitos referentes a gênero, classe, raça, orientação sexual e religião. A partir desta forma de pensar o mundo são recriados “conhecimentos” expressos a partir de “novas” imagens, mitos, lendas, músicas, filmes e a mídia em geral. As *Imagens de Controle* não são destinadas somente às mulheres, elas se aplicam em todos os grupos sociais, que acreditam e agem de acordo com elas. São usadas para dar sentido à realidade, o que por sua vez permite a organização social em modelos pré-definidos.

Ressalta-se que as imagens racistas que estão nos Livros Didáticos constroem significados e circulam em outros meios, como por exemplo, na



grande mídia, sempre buscando naturalizar as narrativas coloniais como únicas.

Associar a imagem dos negros africanos e da África apenas ao escravizado é uma forma de racismo, pois nega propositalmente que havia uma estrutura política, social, religiosa e cultural do continente africano. Essa negação foi construída pelo europeu e é perpetuada pela classe dominante atual com o objetivo de melhor dominar. Uma sociedade desigual e marcada por relações de poder assimétricas irá perpetuar e renovar as imagens de controle.

Os resultados indicam que a representação presente nos Livros Didáticos, é formada por imagens e textos que estigmatizam, estereotipam e invisibilizam o negro africano. São formadas por ilustrações, palavras e expressões racistas que traduzem o apagamento histórico das contribuições dos povos africanos na formação sociocultural brasileira e na luta constante e afirmativa dos afro-brasileiros em resistir às opressões do cotidiano.

As imagens negativas dos negros africanos presentes nos Livros Didáticos de Geografia têm como base os estereótipos e são uma forma de justificar e naturalizar as opressões que são dadas aos grupos subordinados. Essas imagens são constantemente atualizadas e estão relacionadas com o exercício do poder.

As representações da África e dos negros africanos em Livros Didáticos de Geografia são narrativas ainda do colonizador branco europeu, que de forma simples e direta perpetuam o racismo. O povo negro ainda não teve a oportunidade de ser representado de forma a valorizar de fato sua história e sua cultura, pelo contrário, ele continua sendo menosprezado. E a sociedade, em sua maioria, reproduz o pensamento racista que lhe foi imposto, naturalizando as imagens que apresentam a população negra em papéis



sociais subalternos e desvalorizados no contexto social, assim como de uma “África única”, “desejável” por conta de seus recursos naturais, mas “mal vista” por ser subdesenvolvida e miserável.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

BUENO, Winnie de Campos. *Processos de resistência e construção de subjetividades no Pensamento Feminista Negro: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de controle*. 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, 2019. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8966>>. Acesso em: 24 fev. 2022

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019. 493p. Tradução Jámille Pinheiro Dias.

CRENSHAW, Kimberly. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, ano 10, v. 1, p. 171-188, 2002. Tradução: Liane Schneider. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 24 fev. 2022

FERREIRA, Aparecida de Jesus; CAMARGO, Mábia. O racismo cordial no livro didático de Língua Inglesa aprovado pelo PNLD. *Revista da ABPN*, v. 6, v. 12, nov. 2013 – fev. 2014, p. 177-202. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/182/178>> Acesso em: 07/03/2024



GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e antirracismo no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009. 256p.

OLIVEIRA, Ana Flávia Borges de; SAMPAIO, Adriany de Ávila Melo. Um olhar sobre o livro didático de Geografia do Ensino Fundamental II – PNLD 2014 e 2020: representações sociais dos negros africanos e da África. *Boletim Paulista de Geografia*, nº 111, jan.-jun. 2024. ISSN: 2447-0945. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/3077>. Acesso em: 01/03/2024.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Recebido em: 13/03/2024

Aprovado em: 01/04/2026